



INVESTIGAÇÃO ACERCA DO ENSINO DO CRIACIONISMO EM AULAS DE EVOLUÇÃO BIOLÓGICA EM ESCOLAS PARTICULARES DE CAMPINA GRANDE – PB

José Adeildo de Lima Filho,

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais e Ambientais da UFCG, Professor do IFPB Campus Campina Grande, Professor do Colégio GEO-Patos e Professor da UVA-UNAVIDA Campina Grande. E-mail: adeildobiologia@gmail.com

Resumo: O presente trabalho propôs uma análise sobre o debate entre evolucionismo *versus* criacionismo, em escolas privadas da cidade de Campina Grande – PB. Desse modo, procurou fundamentar esses dois pensamentos sobre as origens dos seres vivos na Terra, tratando da história do surgimento de cada teoria, suas variações e como foram se moldando ao longo do tempo, bem como aprofundou a discussão de como a abordagem criacionista é trabalhada como teoria alternativa à ideia evolucionista, como o “planejamento inteligente” nas aulas de Biologia nas escolas do mundo, do Brasil e do município de Campina Grande – PB, em escolas da rede privada de ensino. Desse modo, percebeu-se que o criacionismo nesse município é trabalhado em aulas de biologia, de filosofia e de religião, despertando, assim, preocupação com a maneira em que essa abordagem é realizada nessas escolas.

Palavras-chave: evolucionismo, criacionismo, debate, ensino de ciências

1. INTRODUÇÃO

Em 1543, o astrônomo polonês Nicolau Copérnico publicou o livro “*Das revoluções dos corpos celestes*” que mudou de forma radical o modo como o ser humano passou a olhar a si mesmo e ao mundo que o cerca, entrando em conflito com o pensamento oficial da Igreja. Esta visão fez o ser humano começar a perceber sua pequenez diante do universo. Por outro lado, nenhuma outra ideia provocou um golpe tão duro na concepção de ser do homem, como um ser único e diferente dos demais, como a publicação do livro “*A origem das espécies por meio da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida*”, de Charles Darwin (BRAGA; GUERRA; REIS, 2003). Segundo Chassot (2008) do mesmo modo em que a Revolução Científica mudou a maneira de o homem se ver no universo, a concepção de Darwin mudou a visão do homem em relação ao nosso passado. Dessa forma, ao colocar o homem no mesmo patamar das demais espécies, em relação as suas origens, características biológicas e evolutivas, a teoria de Darwin criou polêmica em torno de dogmas religiosos que defendem a ideia de que todos os seres vivos foram criados por uma força superior (SENE, 1981). A luta incessante dos criacionistas contra o ensino de evolução em escolas públicas norte-americanas não é recente. Desde a década de 1920, tentaram acabar com o ensino da evolução, como a lei do estado do Tennessee, pelo qual o professor John T. Scopes foi condenado, em 1925, sendo revogada em 1968 por ser considerada inconstitucional pela Suprema Corte (BRANCH; SCOTT, 2009). No Brasil, o episódio mais recente dessa tentativa foi a da então governadora do Estado do Rio de Janeiro, Rosinha Mateus, conforme Pazza (2004), que em 2004 instituiu o ensino confessional de religião ao currículo de suas escolas.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho foi desenvolvido em escolas privadas do município de Campina Grande – PB.

2.1. Método Operacional

O trabalho foi desenvolvido em uma única etapa no qual foi aplicada uma enquete contendo perguntas objetivas direcionadas à equipe técnico/gestora da escola. Foram pesquisadas 6 (seis)



escolas particulares, de modo a investigar a possibilidade do ensino do Criacionismo como alternativa ao da Evolução Biológica, nas aulas de Biologia.

2.2. Coleta de Dados

Os dados foram coletados através de uma enquete escrita, aplicada como uma entrevista, conforme apresentada no apêndice.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistadas 15 pessoas da equipe técnico-gestora, que representavam todos os indivíduos que ocupavam esses cargos das 6 (seis) escolas pesquisadas. Desses 6 (seis) eram do sexo masculino, representando 40% e 9 (nove) eram do sexo feminino, representando 60% do total (gráfico 1). Do total, 14 (quatorze) pessoas, 93%, revelaram professar alguma religião, sendo que 1 (uma) pessoa revelou ser da religião Espírita, 7% do total (gráfico 2), e 13 (treze) da religião Católica, 93% do total e apenas 1 pessoa, 7% do total, afirmou não professar qualquer religião (gráficos 2 e 3).

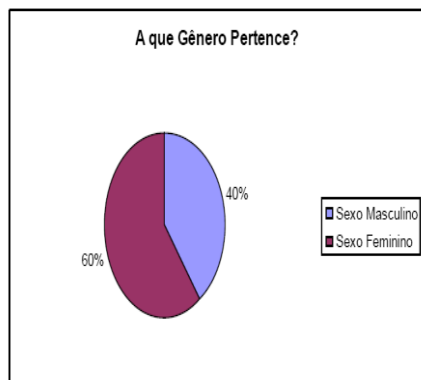


Gráfico 1

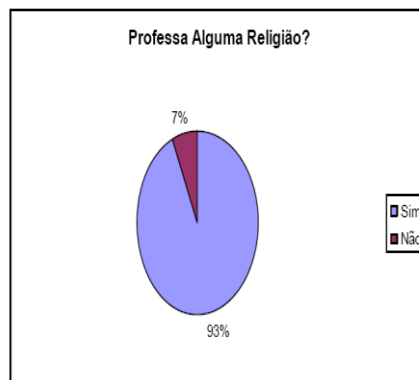


Gráfico 2

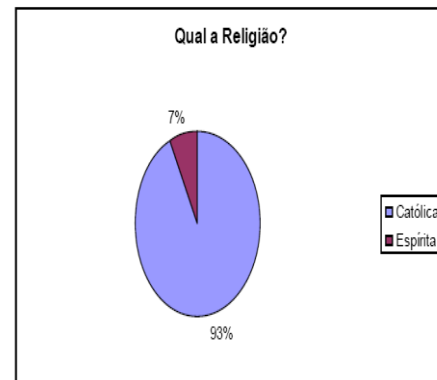


Gráfico 3

Quando perguntados sobre o conhecimento da explicação Criacionista para a origem dos seres vivos no nosso planeta, todos os entrevistados disseram ter conhecimento sobre essa ideia (gráfico 4). Contudo, quando questionados sobre o conhecimento da explicação Evolucionista para a origem dos seres vivos no nosso planeta, apenas 1 (uma pessoa), 7% do total, revelou não ter conhecimento dessa teoria (gráfico 5).

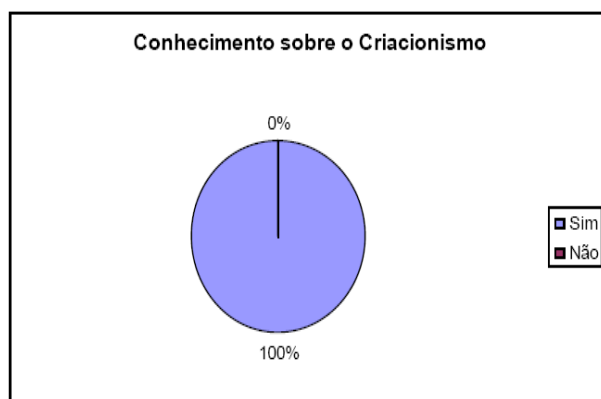


Gráfico 4



Gráfico 5

Em relação ao fato da escola ter o ensino religioso como componente curricular, 8 (oito) pessoas afirmaram que sim, 53% do total e 7 (sete), 47% do total, afirmaram que não (gráfico 6). Sobre o fato de a escola ter a abordagem criacionista 12 (doze) pessoas disseram que sim, 80% do total e 3 (três) disseram que não, 20% do total (gráfico 7). Ainda sobre a abordagem criacionista na escola, a “enquete” apurou que essa é realizada, conforme revelou apenas 1 (um) dos entrevistados, 7% do total, durante as aulas de Religião; outros 3 (três) afirmaram que essa abordagem é feita apenas nas aulas de Biologia, 20% do total; 1 (um) afirmou que tanto nas aulas de Religião quanto nas de Filosofia, 7% do total; 3 (três) revelaram que tanto nas aulas de Biologia e Filosofia, 20% dos entrevistados; 4 (quatro) afirmaram que tanto nas aulas de Biologia, religião e de Filosofia, 26% do total e 3 (três) conforme a pergunta anterior, disseram que na escola não há abordagem criacionista,

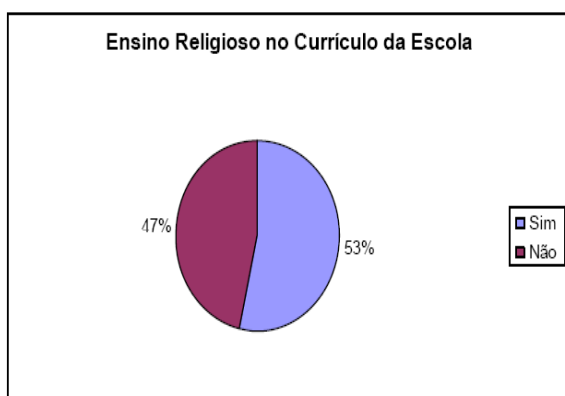


Gráfico 6

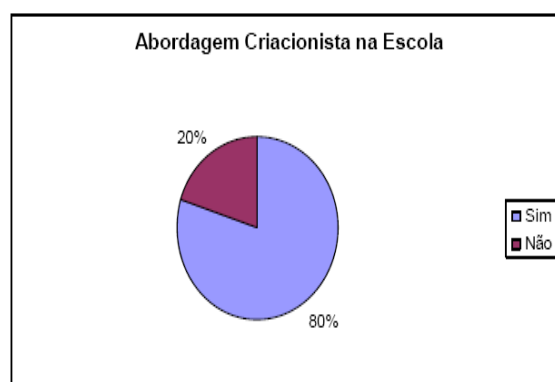


Gráfico 7

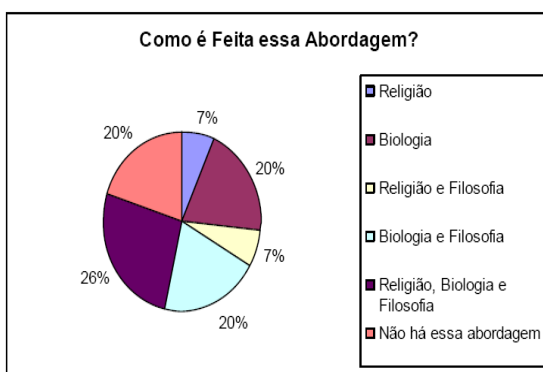


Gráfico 8

No que tange à discussão da abordagem criacionista com os pais, 7 (sete) entrevistados, 47% do total, disseram que havia essa discussão, enquanto que 8 (oito), 53% do total, afirmaram que não (gráfico 9). Em relação ao questionamento de onde vem a orientação para trabalhar o criacionismo na escola, 3 (três) entrevistados, 20% do total, revelaram que essa orientação vem da gestão da escola; outros 6 (seis), disseram que da discussão realizada entre gestores, professores e os pais, representando 40% do total, apenas 1 (um) afirmou que essa orientação é do próprio professor, 7% do total e 5 (cinco) afirmaram desconhecer esse tipo de orientação, representando 33% do total dos entrevistados (figura 10).

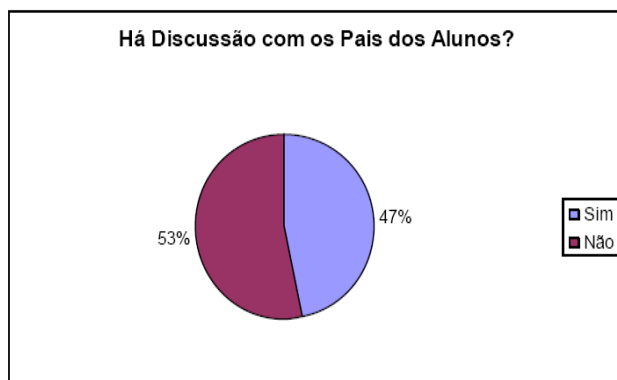


Gráfico 9

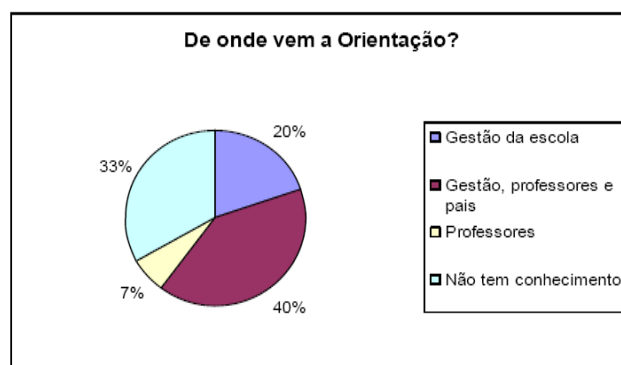


Gráfico 10

Esses resultados confirmam de certa maneira, que existe na cidade de Campina Grande – PB uma tendência, mesmo que incipiente, em se trabalhar a visão criacionista em algumas escolas desse município.

6. CONCLUSÕES

Da análise de como as escolas trabalham a questão criacionista no mundo, nota-se que em países como os EUA e Inglaterra, grupos políticos com interesse apenas de conseguir adeptos e de perpetuarem suas ideias, acabam doutrinando suas crianças nas escolas, propondo desde a exclusão da ideia evolucionista de seus currículos, até mesmo dedicar tempo igual na explanação dos conteúdos criacionistas, sobretudo nas aulas de ciências.

No Brasil esse debate ainda é um pouco acanhado, com proporção e repercussão bem menores do que o que acontece no mundo afora. Todavia, personagens importantes e influentes de nossa política mitigam a ideia de ensinar o criacionismo como alternativa científica às ideias evolucionistas. No caso das escolas públicas parece que a legislação tem conseguido afastar a concepção criacionista das aulas de ciências, como alternativa científica ao evolucionismo. No entanto, nas escolas particulares brasileiras, de cunho religioso, a teoria criacionista tem sido colocada de maneira sistemática, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, talvez por estratégia de apresentar essa teoria precocemente e, depois, ao tomar contato com a visão evolucionista, os alunos possam desacreditá-la (TAKAHASHI; BEDINELLI, 2008).

No que diz respeito à análise feita nas escolas públicas de Campina Grande – PB nota-se que, assim como acontece no restante do Brasil, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBE) homologada em 1997, o ensino do criacionismo está restrito às aulas de ensino religioso. Contudo nas escolas particulares que, segundo o MEC tem autonomia de montar sua grade curricular, existe ainda uma preocupação, pois alguns entrevistados revelaram que o criacionismo é ensinado nas aulas de Biologia. O que preocupa é o modo de como essa teoria é apresentada aos alunos, se uma explicação teológica e, até certo ponto mitológica, para quem prega o literalismo bíblico, ou como uma alternativa científica à Teoria da Evolução. Essa preocupação é válida, pois em algumas escolas não há, como revelaram os resultados, uma discussão com os pais dos alunos, e que alguns dos entrevistados falaram que essa orientação é dada pela gestão das escolas.

Apesar do debate Evolucionismo *versus* Criacionismo ser algo interminável, posto que estejam em campos diametralmente opostos, um teológico e outro científico, esse trabalho apresenta-se como um material que espera ter contribuído, humildemente, com esse debate.



AGRADECIMENTOS

À direção do IFPB Campus Campina Grande, à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais-PPGCF-UFCEG-Patos, à direção do Colégio GEO-Patos e à coordenação da UVA-UNAVIDA.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Marco; GUERRA, Andréia; REIS, José Cláudio. **Darwin e o pensamento evolucionista**. São Paulo: Atual, 2003.

BRANCH, Glenn; SCOTT, Eugenie C. **Manobras recentes do criacionismo**. *Scientific American Brasil*. São Paulo: fev., 2009.

CHASSOT, Attico. **A ciência através dos tempos**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. . São Paulo: Atlas S.A., 1995.

PAZZA, R. **Por que o criacionismo não é uma alternativa às teorias evolutivas?** Projeto Evoluindo Biociência.org. 2004. Disponível em: http://biociencia.org/index.php?option=com_content&task=view&id=63&Itemid=81 . Acesso em: 28 set 2009.

SENE, Fábio de Melo. **Genética e evolução**. São Paulo: EPU, 1981.

TAKAHASHI, Fábio; BEDINELLI, Talita. **MEC diz que criacionismo não é tema para a aula de ciências**. *Folha Online*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u478968.shtml>. Acesso em: 13 dez 2008.